

Materialismo histórico-dialético para a pesquisa em educação

Historical-dialectical materialism for educational research

**Materialismo histórico-dialéctico para la investigación en
educación**

Matérialisme historique-dialectique pour la recherche en éducation

Celismar da Rocha Cavalcante¹

¹Universidade Católica de Brasília

Resumo

Este artigo analisa o materialismo histórico-dialético como método científico e abordagem teórico-metodológica nas Ciências Sociais, destacando sua aplicabilidade à pesquisa em educação. Com base em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, examinam-se os fundamentos epistemológicos e metodológicos da dialética marxista na análise da realidade educacional. Evidencia-se que tal referencial fornece instrumentos analíticos capazes de interpretar as contradições históricas, sociais e ideológicas que permeiam a educação, favorecendo uma compreensão crítica dos processos formativos e a produção de conhecimento emancipador.

Palavras-chave: Materialismo histórico-dialético, dialética marxista, pesquisa em educação.

Abstract

This article analyzes historical-dialectical materialism as a scientific method and a theoretical-methodological approach within the Social Sciences, emphasizing its applicability to educational research. Based on a bibliographical review of a qualitative, descriptive, and exploratory nature, it examines the epistemological and methodological foundations of Marxist dialectics in the

analysis of educational reality. It is evidenced that this framework provides analytical tools capable of interpreting the historical, social, and ideological contradictions that permeate education, fostering a critical understanding of formative processes and the production of emancipatory knowledge.

Keywords: Historical-dialectical materialism, Marxist dialectics, educational research.

Resumen

Este artículo analiza el materialismo histórico-dialéctico como método científico y enfoque teórico-metodológico en las Ciencias Sociales, destacando su aplicabilidad a la investigación educativa. A partir de una revisión bibliográfica de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, se examinan los fundamentos epistemológicos y metodológicos de la dialéctica marxista en el análisis de la realidad educativa. Se evidencia que este enfoque proporciona herramientas analíticas capaces de interpretar las contradicciones históricas, sociales e ideológicas que atraviesan la educación, favoreciendo una comprensión crítica de los procesos formativos y la producción de conocimiento emancipador.

Palabras clave: Materialismo histórico-dialéctico, dialéctica marxista, investigación educativa.

Résumé

Cet article analyse le matérialisme historico-dialectique en tant que méthode scientifique et approche théorique-méthodologique dans les Sciences sociales, en soulignant son applicabilité à la recherche en éducation. Sur la base d'une revue de la littérature de nature qualitative, descriptive et exploratoire, sont examinés les fondements épistémologiques et méthodologiques de la dialectique marxiste dans l'analyse de la réalité éducative. Il ressort que ce cadre théorique fournit des instruments analytiques capables d'interpréter les contradictions historiques, sociales et idéologiques qui traversent l'éducation, favorisant une compréhension critique des processus formatifs et la production de connaissances émancipatrices.

Mots-clés: Matérialisme historique-dialectique, dialectique marxiste, recherche en éducation.

Notas Biográficas

Celismar da Rocha Cavalcante

Bio: Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB0. Licenciada em Letras, Matemática e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa. Coordenadora pedagógica e docente da educação básica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas: Políticas Públicas Educacionais no âmbito da Educação Básica (GEPPEB). Tem experiência na gestão, coordenação e docência na educação básica. Teve o trabalho, intitulado: "Da Educação Básica à Educação Superior: os desafios dos alunos da rede pública de ensino brasileira para o acesso e permanência na graduação", distinguido como trabalho destaque e finalista do Congresso Latino-americano sobre Abandono na Educação Superior (CLABES/2022), no Brasil. E o trabalho: "Protagonismo Estudantil: o educando como sujeito ativo no processo de aprendizagem para a promoção da permanência estudantil na educação superior", aceito para apresentação no Congresso Latino-americano sobre Abandono na Educação Superior (CLABES/2023), em Temuco no Chile.

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-6443-4823>

E-mail: celismarrocha@bol.com.br

Morada/Address/Dirección/Adresse: UCB Universidade Católica de Brasília, QS 07 – Lote 01 – EPCT, Taguatinga, Brasília-DF, Brasil, CEP: 71.966-700

Datas de receção e de aceitação (14/06/2024) (23/02/2025)

Introdução

No Brasil, a expansão dos cursos de pós-graduação tem impulsionado a produção científica e intensificado as exigências por excelência acadêmica (Gatti, 2012). Esse contexto não apenas amplia a visibilidade da pesquisa em

educação, mas também acentua os desafios teóricos e metodológicos enfrentados pelos pesquisadores. Como destaca Severino (2007), refletir sobre o papel da ciência na contemporaneidade exige mais do que domínio técnico: requer rigor epistemológico e consciência crítica acerca dos fundamentos que orientam a produção do conhecimento.

A educação e a escola, nesse cenário, devem ser compreendidas como construções históricas e sociais, não neutras, atravessadas por disputas ideológicas, relações de poder e determinações estruturais. A educação, concebida como prática social intencional, é permeada por contradições entre reprodução e transformação social. Já a escola constitui-se como espaço de mediações entre o Estado, a sociedade civil e os sujeitos históricos, operando simultaneamente como instância de conformação e de resistência potencial às desigualdades (Frigotto, 1995; Apple, 2005).

Embora o termo “pesquisa” seja amplamente utilizado, muitas vezes é empregado de forma genérica, desvinculado de compromissos teóricos e éticos. No entanto, a pesquisa científica constitui uma prática social situada historicamente, orientada por valores, interesses e pressupostos epistemológicos que determinam a escolha dos objetos, métodos e finalidades investigativas (Lüdke & André, 2020). Como ressalta Oliveira (1998), o método ultrapassa a dimensão técnica: é um caminho conscientemente escolhido, que deve guardar coerência com os fundamentos filosóficos e epistemológicos do pesquisador.

Nesse contexto, o materialismo histórico-dialético configura-se como um paradigma crítico relevante para as Ciências Humanas e Sociais. Ao considerar a realidade social como um processo histórico marcado por conflitos estruturais e múltiplas determinações, essa abordagem possibilita a interpretação da educação em sua complexidade, articulando teoria e prática, infraestrutura econômica e superestrutura ideológica, bem como as dimensões subjetivas e coletivas da experiência escolar (Marx & Engels, 2001; Colares, Arruda, & Colares, 2021).

Este estudo tem por objetivo analisar os pressupostos epistemológicos e teórico-metodológicos da dialética marxista e sua contribuição à pesquisa educacional. Trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada nas contribuições de autores como Gamboa (1998), Demo (1995), Japiassú (1994), Boavida e Amado (2008),

Saviani (1991), Apple (2005, 2024), entre outros. A questão que orienta a investigação é: como o referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético pode contribuir para a compreensão crítica das práticas e estruturas educacionais?

Além disso, diante da diversidade metodológica vigente na pesquisa educacional – que inclui abordagens positivistas, funcionalistas, fenomenológicas e pós-estruturalistas –, o materialismo histórico-dialético distingue-se por seu compromisso ontológico com a totalidade concreta e com a transformação social. Enquanto essas abordagens, em geral, restringem-se à realidade aparente e imediata, priorizando a quantificação ou a descrição empírica dos fenômenos, a dialética marxista propõe uma leitura crítica e totalizante (Silva & Quintella, 2014). Conforme argumenta Tozoni-Reis (2020), apenas essa perspectiva permite uma compreensão minuciosa dos processos educativos ao desvelar as contradições estruturais, históricas e ideológicas que os atravessam, situando-os no interior das relações sociais de classe que os condicionam.

Ao longo do texto, são discutidos: (i) os fundamentos epistemológicos do materialismo histórico-dialético; (ii) os pressupostos teórico-metodológicos da dialética marxista aplicados à educação; e (iii) as contribuições dessa abordagem para a análise da realidade educacional. Parte-se do reconhecimento da educação como campo de disputa e da necessidade de referenciais críticos para interpretá-la em sua totalidade histórica, social e ideológica. Nesse sentido, como afirma Gamboa (1998), a dialética marxista busca “dar às ciências a Filosofia que elas merecem” (p. 13), reafirmando seu papel crítico na produção de conhecimento socialmente situado e emancipador.

Materialismo histórico-dialético – processualidade histórica

O materialismo histórico-dialético foi sistematizado por Marx e Engels, a partir de meados de 1845, como uma concepção científica, política e filosófica voltada à crítica da sociedade capitalista e à transformação das condições

históricas de existência. Em obras como “A Ideologia Alemã” (Marx & Engels, 2001), os autores elaboraram uma nova abordagem epistemológica, ancorada na práxis, na relação dialética entre infraestrutura econômica e superestrutura ideológica e na centralidade das contradições sociais como motor da história.

Essa abordagem confronta diretamente a lógica positivista, que tende a reduzir os fenômenos sociais a leis universais, lineares e atemporais, negligenciando as mediações e conflitos que constituem a experiência humana. Como salienta Japiassú (1994), a cisão entre sujeito e objeto, típica do positivismo, compromete a compreensão da complexidade social. Por contraste, o materialismo histórico-dialético propõe uma leitura dinâmica da realidade, concebida como totalidade em movimento e permeada por contradições estruturais (Tozoni-Reis, 2020).

A dialética marxista sustenta-se na noção de que os sujeitos são condicionados pelas suas condições materiais de existência e, simultaneamente, detêm potencial para transformá-las. Essa concepção estrutura-se por meio de categorias como totalidade, contradição, mediação, historicidade e práxis – esta última concebida como unidade entre teoria e ação, conhecimento e transformação (Marx & Engels, 2001).

No campo educacional, esse paradigma permite compreender a escola não como um espaço neutro, mas como uma instituição social atravessada por lutas de classe, cujas práticas pedagógicas, currículos e estruturas organizacionais expressam e reproduzem, em grande parte, as contradições da ordem capitalista. A organização do trabalho pedagógico, os mecanismos de avaliação e a dualidade estrutural do sistema educacional brasileiro – que segmenta elites e classes populares – são manifestações concretas dessas contradições (Frigotto, 1995; Apple, 2005).

Gramsci (1978) enriquece essa perspectiva ao enfatizar a necessidade de elaboração de uma concepção de mundo crítica e historicamente situada, contraposta à assimilação passiva das ideologias hegemônicas. No âmbito da educação, isso implica que professores, estudantes e gestores reconheçam seu papel político, reavaliando as mediações entre cultura, poder e formação.

Como referencial das ciências sociais, o materialismo histórico-dialético configura-se como uma epistemologia crítica que articula objetividade e subjetividade, superando dicotomias como indivíduo e sociedade, estrutura e

agência, teoria e prática (Demo, 1995; Gamboa, 1998). Essa proposta rompe com a linearidade das metodologias racionalistas e concebe a realidade como um processo histórico contínuo e contraditório.

BoaVida e Amado (2008) reforçam essa concepção ao afirmarem que toda formação social é contraditória e, portanto, historicamente superável. A dialética, ao reconhecer os momentos de tese, antítese e síntese como partes de um processo histórico, permite interpretar os conflitos sociais como expressões das disputas por hegemonia e transformação. No contexto educacional, essa perspectiva possibilita compreender as reformas curriculares não como ajustes neutros, mas como embates ideológicos entre projetos societários antagônicos:

Superando-se determinada fase, entramos numa formação seguinte, dita síntese em vários sentidos: de um lado, porque é superação de elevação, [...], de outro, porque traz em si o resultado da superação de conteúdos específicos da estrutura do conflito social, o que permite dizer que nenhuma síntese apenas repete a tese; ademais, porque sugere a ideia de totalidade histórica, particularmente no sentido da unidade de contrários – a síntese não os destrói, antes neles se repõe, revive, reinventa (BoaVida & Amado, 2008).

O método marxista, assim, não é apenas uma escolha teórica, mas um instrumento de análise crítica das estruturas sociais e educacionais. Ele evidencia as articulações entre base econômica e produção do conhecimento, entre relações de produção e cultura escolar. Isso permite, por exemplo, compreender a alienação do trabalho docente, as desigualdades de acesso e permanência escolar, e os limites e potencialidades de uma pedagogia comprometida com a emancipação humana.

Em termos metodológicos, esse referencial requer uma postura investigativa crítica, voltada à análise das contradições entre aparência e essência, entre parte e totalidade, entre sujeito e objeto (Gamboa, 1998). Exige-se, nesse caso, ultrapassar o plano empírico imediato, articulando forma e conteúdo, singularidade e universalidade, teoria e evidência. Nessa direção, pesquisas orientadas por essa abordagem utilizam a análise documental crítica, a análise do discurso com base em categorias marxistas, estudos históricos interpretativos e metodologias participativas com viés transformador.

Enquanto as abordagens fenomenológicas concentram-se na descrição da

experiência vivida e tendem a restringir-se à dimensão subjetiva da realidade, e as pós-estruturalistas enfatizam a instabilidade dos discursos e a pluralidade de sentidos, o materialismo histórico-dialético parte do pressuposto de que há determinações objetivas historicamente constituídas que estruturam as formas de consciência e ação. Nesse sentido, sua ênfase recai na análise das condições materiais da existência e nas contradições sociais que fundamentam a reprodução e a transformação das práticas educativas. Essa perspectiva não ignora a subjetividade, mas a compreende como produto histórico e socialmente mediado, inserido em relações estruturais e ideológicas mais amplas. Trata-se, portanto, de uma epistemologia que articula análise crítica, compromisso político e práxis transformadora (Pires, 1997).

Diferentemente de abordagens positivistas ou pós-estruturalistas, que muitas vezes se limitam à descrição de eventos ou à fragmentação da realidade, a perspectiva dialética compreende a educação como campo de contradições, historicamente constituído e ideologicamente disputado. Por isso, sua centralidade reside não apenas em interpretar a realidade educacional, mas em fornecer instrumentos para transformá-la. Ao possibilitar a leitura crítica das estruturas escolares, o materialismo histórico-dialético contribui para o enfrentamento das desigualdades estruturais que caracterizam as sociedades contemporâneas.

A dialética marxista e as pesquisas em educação

A pesquisa em educação está fortemente condicionada pelos paradigmas epistemológicos que a sustentam. Interpretar a realidade educacional demanda mais do que a adoção de técnicas de coleta de dados: exige uma fundamentação crítica sobre o que se entende por educação, escola, currículo, sujeito e transformação social. A escolha do método, nesse contexto, revela compromissos ontológicos e políticos.

O materialismo histórico-dialético se destaca como um referencial que permite compreender a educação como prática social historicamente determinada, permeada por contradições de classe, interesses ideológicos e disputas por hegemonia. Ao partir da totalidade concreta e do movimento contraditório da

história, essa abordagem possibilita interpretar os processos educacionais como expressões de um sistema mais amplo de dominação e resistência (Bezzon & Bizerra, 2024; Gamboa, 1998).

A escola, sob essa ótica, não é um espaço neutro, mas uma instituição moldada pelas necessidades do modo de produção capitalista. Sua função social vai além da instrução formal: ela atua na formação de subjetividades, na manutenção da ordem social e na reprodução das desigualdades. Como aponta Gamboa (1998), a organização curricular, a formação docente e a gestão educacional refletem projetos ideológicos que, muitas vezes, naturalizam as desigualdades e legitimam o *status quo*.

Essa crítica é evidente nas análises de Frigotto (1995), que identifica uma dualidade estrutural no sistema educacional brasileiro: de um lado, escolas voltadas para a formação técnica e disciplinar das classes trabalhadoras; de outro, instituições que preparam as elites para a gestão dos meios de produção e dos espaços de poder. A dialética marxista permite compreender essa divisão não como uma falha técnica, mas como um reflexo da estrutura de classes da sociedade.

Diferentemente de abordagens funcionalistas ou tecnicistas – que tendem a descontextualizar os processos educacionais –, a dialética marxista parte da interdependência entre base material e superestrutura. Ela supera a fragmentação da realidade imposta por metodologias empiristas e pós-modernas, que, comumente, desconsideram a dimensão histórica e coletiva da produção do conhecimento (Saviani, 1991; Apple, 2005). Enquanto essas abordagens enfatizam a adaptação ou a relativização, a dialética propõe a transformação e a emancipação.

Essa perspectiva também contrasta com métodos inspirados em racionalismos abstratos ou lógicas da eficiência, que reduzem a educação a resultados mensuráveis, ignorando os processos formativos como construções sociais e ideológicas. O materialismo histórico-dialético, ao contrário, interpreta os fenômenos educacionais mediante a articulação entre sujeito e objeto, essência e aparência, forma e conteúdo, compreendendo-os como manifestações concretas das contradições sociais que dinamizam e estruturam a realidade educacional.

Nesse sentido, a prática educativa não pode ser compreendida fora da análise

do Estado e das políticas públicas. O Estado capitalista atua como agente regulador da educação, definindo o currículo, os padrões de avaliação, os mecanismos de financiamento e a formação docente segundo interesses de classe. O professor, por sua vez, ocupa uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que é executor de diretrizes institucionais, também pode tornar-se sujeito crítico capaz de resistir e propor alternativas transformadoras (Gramsci, 1978; Apple, 2005).

Como destacam Dardot e Laval (2016), o avanço do neoliberalismo reconfigura o papel da escola e do professor, impondo uma lógica de desempenho e competitividade que esvazia o conteúdo emancipador da educação. Tais processos, quando analisados sob a lente da dialética marxista, revelam-se como mecanismos de aprofundamento da subordinação das práticas pedagógicas às exigências do capital. A pesquisa educacional crítica, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de denúncia e superação desse quadro.

A dialética marxista fornece, portanto, ferramentas teórico-metodológicas para que educadores e pesquisadores analisem criticamente as formas pelas quais a educação é utilizada como meio de legitimação de desigualdades sociais. Ao integrar categorias como totalidade, contradição, historicidade e práxis, esse referencial orienta uma investigação comprometida com a transformação social e a superação das formas de dominação.

Como aponta Japiassú (1994), isso não significa renunciar à objetividade, mas compreendê-la como parte de um processo dialético que reconhece a subjetividade como instância mediadora do conhecimento. Assim, o materialismo histórico-dialético propõe uma ciência situada historicamente, que analisa a educação como campo de lutas e mediações, e não como esfera técnica neutra.

Em síntese, a dialética marxista constitui uma metodologia investigativa que articula teoria e prática, crítica e ação, permitindo aos pesquisadores educacionais desvelar os mecanismos ideológicos que operam nos sistemas de ensino. Sua validade como método reside justamente em sua capacidade de revelar os conflitos sociais que atravessam os processos educativos e de apontar caminhos para a construção de uma educação emancipatória.

Contribuições metodológicas da dialética marxista na pesquisa educacional

O materialismo histórico-dialético, para além de uma filosofia da história, constitui um método de investigação rigoroso, capaz de orientar pesquisas educacionais comprometidas com a compreensão crítica e a transformação da realidade. Essa abordagem metodológica não se reduz a um conjunto de técnicas, mas implica uma postura ontológica e epistemológica que parte da totalidade concreta e reconhece o papel das contradições no processo de produção do conhecimento. Como propõe Saviani (1991), o método dialético implica um movimento que parte da realidade concreta para o pensamento e retorna a ela, agora reinterpretada de forma crítica e transformadora, orientando a práxis educativa. Essa concepção permite superar os limites da lógica formal e oferecer uma leitura crítica das práticas educacionais, entendidas como expressões de determinações históricas e ideológicas.

Nessa conjuntura, o Quadro 1 apresenta as contribuições metodológicas do materialismo histórico-dialético à pesquisa em educação:

Quadro 1 – Contribuições metodológicas do materialismo histórico-dialético à pesquisa em educação

Categoria	Descrição
Totalidade	Compreensão dos fenômenos educacionais em suas múltiplas determinações históricas, sociais e ideológicas.
Contradição	Identificação dos conflitos estruturais que atravessam a escola, o currículo e as práticas pedagógicas.
Mediação	Análise das inter-relações entre sujeito e estrutura, essência e aparência, singularidade e universalidade.
Historicidade	Interpretação dos processos educativos como práticas sociais situadas historicamente.
Práxis	Articulação entre teoria e prática com vistas à transformação social e emancipação humana.
Engajamento Crítico	Superação da neutralidade do pesquisador em favor de um compromisso ético-político com a realidade investigada.

Fonte: Elaboração própria a partir de Gamboa (1998), Saviani (1991), Apple (2005, 2024), Santos *et al.* (2018).

Do ponto de vista prático, a dialética marxista orienta o pesquisador a organizar o processo investigativo a partir de uma lógica que articula as categorias de totalidade, historicidade, mediação e contradição. Essa estrutura possibilita a compreensão dos fenômenos educacionais como processos dinâmicos e interdependentes. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa de inspiração dialética exige que o pesquisador vá além da descrição dos fatos e se comprometa com a explicação de suas causas estruturais, reconhecendo a historicidade e o conflito como elementos constitutivos da realidade. Assim, categorias como trabalho, ideologia, hegemonia e práxis tornam-se centrais na análise da educação.

Entre os procedimentos metodológicos mais compatíveis com o materialismo histórico-dialético na área educacional, destacam-se a análise documental crítica, a análise de discurso orientada por categorias marxistas, os estudos de caso com enfoque crítico, a pesquisa participante e os estudos históricos de caráter interpretativo. Conforme argumenta Chizzotti (2000), a pesquisa qualitativa de base dialética exige do pesquisador um compromisso explícito com a realidade social e suas contradições, compreendendo que o conhecimento produzido não é neutro, mas politicamente situado. Isso implica um posicionamento teórico claro, orientado por valores ético-sociais e pelo reconhecimento do papel transformador da ciência.

Essa abordagem metodológica também se diferencia pela maneira como trata os dados empíricos. Em vez de os considerar como meras evidências isoladas, analisa-os como expressões concretas de processos mais amplos, mediados por relações de classe, interesses ideológicos e estruturas históricas. Nesse prisma, a abordagem dialética permite compreender os fenômenos educacionais a partir da articulação entre o particular e o universal, entre o imediato e o mediato, superando análises fragmentadas e buscando a essência dos processos sociais. Essa lógica, presente na tradição marxista, oferece instrumentos para interpretar políticas educacionais como expressões de projetos de sociedade e disputas ideológicas (Saviani, 1991; Gamboa, 1998).

Ao exigir a articulação entre teoria e totalidade histórica, o materialismo histórico-dialético orienta o pesquisador a interpretar os dados empíricos como parte de um movimento mais amplo de reprodução e transformação social. Tal postura investigativa, ao invés de encerrar-se na coleta e sistematização, compromete-se com a análise crítica das mediações que configuram o

fenômeno educacional em sua complexidade estrutural (Santos *et al.*, 2018).

Outro aspecto metodológico importante é o papel ativo do pesquisador, que deixa de ser um observador externo e se compromete com a realidade investigada. A neutralidade é substituída pelo engajamento crítico, e o conhecimento deixa de ser um fim em si mesmo para se tornar instrumento de intervenção. De acordo com Triviños (1987), o pesquisador que adota uma perspectiva dialética não pode se manter neutro frente à realidade investigada. Ao contrário, deve compreender-se como sujeito histórico envolvido no processo, comprometido com a transformação social e com a produção de conhecimento orientado por valores ético-políticos.

A dialética marxista e as pesquisas em educação

Com base nos fundamentos teórico-metodológicos discutidos, esta seção apresenta uma análise das formas pelas quais o materialismo histórico-dialético permite compreender os processos educacionais como expressões contraditórias das relações sociais. Em vez de se limitar à descrição dos fenômenos, essa abordagem direciona o olhar para os conflitos estruturais que permeiam a escola, o currículo, a docência e as políticas públicas, orientando uma leitura crítica voltada à transformação da realidade (Gamboa, 1998; Saviani, 1991).

A dialética marxista, ao propor a superação das dicotomias entre sujeito e objeto, teoria e prática, aparência e essência, oferece aos pesquisadores da educação uma lógica investigativa que parte do empírico, se aprofunda no abstrato e retorna ao concreto com maior densidade analítica. Esse percurso teórico-metodológico permite interpretar a educação como expressão de mediações entre estruturas econômicas, políticas e culturais, articuladas por interesses de classe. O princípio da contradição, central na metodologia marxista, revela-se especialmente útil para desvelar os conflitos que atravessam a escola como espaço social (Saviani, 1991). Como Marx (2023) destaca, “pode-se dizer que a história econômica inteira da sociedade está resumida no movimento dessa antítese” (p. 426), evidenciando que tais contradições estruturam os processos históricos e educativos.

Ao aplicar essa lógica ao campo educacional, compreende-se que o trabalho docente, os currículos escolares, as práticas avaliativas e a organização institucional das escolas são atravessados por relações de poder e desigualdades historicamente constituídas. A escola deixa de ser pensada como um lugar neutro e passa a ser analisada como uma instituição que pode tanto reproduzir quanto contestar os interesses dominantes. Nesse sentido, o método dialético contribui para a construção de uma educação crítica, pautada na emancipação humana e na leitura consciente das condições materiais que moldam os processos formativos (Frigotto, 1995; Apple, 2005).

A partir dessa perspectiva, a alienação – entendida como a perda de autonomia dos sujeitos diante das condições impostas pelo sistema capitalista – torna-se uma categoria fundamental para a análise educacional. Como observa Marx (2023), “[...] o desenvolvimento da produtividade nunca pode beneficiar espontaneamente a classe operária, mas, ao contrário, é feito precisamente para aumentar sua exploração” (p. 47). O educador, nesse cenário, é instado a superar o senso comum e a desenvolver uma consciência filosófica de sua prática, assumindo-se como agente político e histórico. A escola, por sua vez, pode ser compreendida como espaço contraditório: ora legitimando a ordem vigente, ora oferecendo possibilidades de resistência e transformação.

A alienação se intensifica à medida que o sistema capitalista avança em seus mecanismos de exploração e controle sobre a força de trabalho. Como adverte Marx (2023):

[...] a classe operária não pode ter outro objetivo, logo também não tem outro recurso, a não ser lutar contra os efeitos da exploração gerados pelo desenvolvimento da produtividade, para limitar esses efeitos (luta contra a aceleração do ritmo de trabalho, contra a arbitrariedade dos bônus de produtividade, contra as horas extras, contra a supressão de postos de trabalho, contra o desemprego causado pela produtividade). Luta essencialmente defensiva e não ofensiva. Essa perspectiva reforça a necessidade de uma análise crítica dos processos educacionais, que revele não apenas os mecanismos de dominação, mas também as formas de

resistência construídas historicamente pelos sujeitos subalternizados (pp. 47-48).

A contribuição do materialismo histórico-dialético para a pesquisa em educação manifesta-se, assim, na sua capacidade de fornecer instrumentos para a análise totalizante e crítica dos fenômenos educacionais. Essa abordagem orienta o pesquisador a interrogar não apenas o que acontece nas escolas, mas por que, para quem e com que efeitos sociais tais processos ocorrem. Trata-se de deslocar o foco da neutralidade metodológica para a responsabilização crítica, compreendendo a educação como campo de disputas, mediações e possibilidades de ruptura com a lógica dominante.

Ao conceber a educação como prática social intencional, vinculada ao projeto societário em disputa, a dialética marxista permite interpretar a formação escolar como parte de um processo histórico mais amplo, atravessado por desigualdades estruturais, mas também por potências transformadoras. Em um tempo marcado pela intensificação das políticas neoliberais na educação, esse referencial oferece meios para resistir à mercantilização do ensino e à despolitização do currículo.

Para tanto, o materialismo histórico-dialético não se limita à crítica. Ele opera como método de leitura e intervenção no real. Ao integrar teoria e prática em um movimento de práxis investigativa, essa abordagem oferece aos educadores e pesquisadores ferramentas para interpretar, questionar e transformar a realidade educacional em direção à emancipação dos sujeitos historicamente subalternizados.

Nesse sentido, a práxis investigativa e educativa orientada pela dialética marxista não se encerra na denúncia das contradições, mas projeta-se na construção coletiva de alternativas pedagógicas que afirmem a dignidade humana, a justiça social e a superação das desigualdades (Carvalho & Estêvão, 2013).

A educação diante das contradições do neoliberalismo

O avanço do neoliberalismo nas últimas décadas tem reconfigurado profundamente as políticas educacionais em escala global e nacional, com

impactos diretos sobre a organização escolar, o currículo, a formação docente e as finalidades da educação. Essa orientação política e econômica impõe à escola uma lógica mercadológica que privilegia a competitividade, a eficiência, a produtividade e a redução da educação a indicadores de desempenho, esvaziando seu caráter formativo e crítico (Dardot & Laval, 2016).

Nesse contexto, o materialismo histórico-dialético surge como uma alternativa epistemológica capaz de revelar as mediações entre o projeto econômico neoliberal e a estrutura educacional. A dialética marxista, ao compreender a realidade como histórica, contraditória e ideológica, permite interpretar como as políticas educacionais neoliberais atuam na reprodução das desigualdades sociais, transformando a educação em mercadoria e o estudante em capital humano a ser “otimizado” para o mercado (Mészáros, 2008).

Essa lógica é evidenciada em práticas como a privatização indireta da escola pública, a padronização curricular via avaliações externas, a meritocracia docente e a responsabilização individual dos sujeitos educacionais pelos resultados. Como analisa Ball (2004), o discurso neoliberal atribui à educação a missão de formar indivíduos adaptáveis, flexíveis e empreendedores, deslocando a responsabilidade do Estado para o sujeito, que passa a ser visto como gestor de si mesmo.

O referencial dialético, ao rejeitar as simplificações tecnocráticas e individualizantes, oferece uma chave de leitura crítica para esse cenário. A partir das categorias de totalidade, contradição e ideologia, é possível compreender como as reformas educacionais refletem interesses de classe e projetos de sociedade que visam à manutenção da ordem vigente por meio da naturalização das desigualdades. Como argumenta Apple (2024), o currículo, longe de ser neutro, é um campo de disputa política e ideológica, em que determinadas vozes são legitimadas enquanto outras são silenciadas, segundo interesses hegemônicos.

Em contrapartida, a abordagem marxista reafirma a escola como um espaço de disputa e a educação como prática social intencional, que pode ser reconfigurada a partir da ação crítica e coletiva dos sujeitos históricos. A análise dialética permite revelar as fissuras do modelo neoliberal, desnaturalizando suas imposições e apontando alternativas pautadas pela emancipação humana, pela justiça social e pelo direito à formação integral (Apple, 2024).

Assim, compreender criticamente as determinações neoliberais que incidem sobre a educação é passo fundamental para construir propostas pedagógicas contra-hegemônicas, comprometidas com a formação de sujeitos históricos capazes de resistir à lógica do capital (Oliveira & Freitas, 2022).

Conclusão

A análise desenvolvida neste estudo permitiu reafirmar o materialismo histórico-dialético como um referencial teórico-metodológico sólido para a investigação educacional, especialmente por sua capacidade de interpretar criticamente as contradições que atravessam a escola, o currículo, a docência e as políticas públicas. Em um campo marcado por disputas epistemológicas e políticas, torna-se cada vez mais necessário adotar abordagens que não apenas expliquem a realidade educacional, mas também se comprometam com sua transformação.

A dialética marxista oferece uma epistemologia crítica que articula objetividade e subjetividade, historicidade e práxis, totalidade e contradição. Esses elementos constituem a base para uma compreensão ampliada dos fenômenos educacionais, entendidos como expressões de processos sociais, históricos e econômicos que operam sob lógicas de dominação, mas que também abrem brechas para a resistência e a emancipação.

A partir dessa abordagem, o processo educacional pode ser compreendido como prática social intencional e historicamente situada, capaz de reproduzir ou confrontar a ideologia dominante. Nesse contexto, o papel do educador ultrapassa a função técnico-instrumental e assume dimensão ética, política e filosófica. A atuação pedagógica crítica requer a consciência dos condicionantes estruturais da educação e a disposição para intervir nos processos formativos em favor dos interesses das classes historicamente subalternizadas.

A realidade educacional, como demonstrado, reflete relações de poder desiguais, estruturadas historicamente em favor da manutenção de privilégios. Nesse sentido, o materialismo histórico-dialético permite desnaturalizar tais processos, iluminando as contradições que atravessam a escola e suas possibilidades de ruptura.

Responder à pergunta que orientou este estudo – como o materialismo histórico-dialético contribui para a pesquisa em educação – exige reconhecer que sua validade reside justamente em sua potência crítica. Ele não se limita à descrição de fenômenos, mas opera como método de desvelamento das estruturas que os condicionam e dos sujeitos que neles atuam.

Ao privilegiar a mediação entre teoria e prática, esse referencial fornece instrumentos analíticos para que educadores, pesquisadores e estudantes possam refletir sobre suas experiências formativas, reconhecendo nelas não apenas as marcas da dominação, mas também as possibilidades de superação e criação de novos sentidos.

Em tempos de avanço do neoliberalismo e da mercantilização da educação, torna-se urgente retomar fundamentos filosóficos que resgatem o sentido social da escola e da pesquisa. O materialismo histórico-dialético, nesse cenário, reafirma-se como um caminho epistemológico e político para a construção de uma educação voltada à humanização, à justiça social e à emancipação histórica dos sujeitos, comprometida com a superação das estruturas que sustentam a desigualdade. Mais do que um referencial analítico, trata-se de um projeto ético e coletivo de transformação social.

Referências Bibliográficas

- Apple, M. W. (2024). *Educação e poder*. Vozes.
- Apple, M. W. (2005). Repensando ideologia e currículo. In A. F. Moreira & T. T. Silva (Orgs.), *Currículo, cultura e sociedade* (8ª ed.). Cortez.
- Ball, S. J. (2004). Performatividade, privatização e o pós-estado do bem-estar. *Educação & Sociedade*, 25(89), 1107-1126.
<https://www.scielo.br/j/es/a/3DXRWXsr9XZ4yGyLh4fcVqt/?lang=pt>.
- Bezzon, R. Z., & Bizerra, A. (2024). Educação não formal e espaços científico-culturais brasileiros: Uma visão materialista histórico-dialética. *Investigações em Ensino de Ciências*, 29(1), 1-22.
<https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/3187>.

- Boavida, J., & Amado, J. (2008). *Ciências da educação* (2ª ed.). Universidade de Coimbra.
- Carvalho, M. E. G., & Estêvão, C. A. V. (2013). Pedagogia crítica e direitos humanos: fundamentos para uma proposta pedagógico-crítica em direitos humanos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 21(80), 669-694.
- <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Csfwj77KyKnqDtMnzvzbYWJ/?format=pdf&lang=pt>.
- Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Cortez.
- Colares, A. A., Arruda, E. P., & Colares, M. L. I. (2021). O materialismo histórico dialético aplicado na compreensão do fenômeno educacional. *Cenas Educacionais*, 4, 1-24.
- <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11448/7996>.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo*. Boitempo.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais* (3ª ed. rev.). Atlas.
- Frigotto, G. (1995). *Educação e a crise do capitalismo real*. Cortez.
- Gamboa, S. S. (1998). *Epistemologia da pesquisa em educação*. Campinas Praxis.
- Gatti, B. A. (2012). A construção metodológica da pesquisa em educação: Desafios. *Revista Brasileira de Política e Administração Pública*, 28(1), 13-34.
- <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066/23315>.
- Gramsci, A. (1978). *Concepção dialética da história* (3ª ed.). Civilização Brasileira.
- Japiassú, H. (1994). *Introdução às ciências humanas*. Letras e Letras.
- Lüdke, M., & André, M. (2020). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. EPU.
- Marx, K. (2023). *O capital*. Boitempo.
- Marx, K., & Engels, F. (2001). *A ideologia alemã*. Martins Fontes.
- Mészáros, I. (2008). *A educação para além do capital* (2ª ed.). Boitempo.

- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Oliveira, D. J. de, & Freitas, R. A. M. da M. (2022). Em busca de resistência e enfrentamento das políticas educacionais neoliberais. *REVELLI –Revista de Educação, Linguagem e Literatura*, 14.
<https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/12521>.
- Oliveira, P. de S. (1998). Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In P. de S. Oliveira (Org.), *Metodologia das ciências humanas* (pp. 17–26). Editora UNESP; Hucitec.
- Pires, M. F. de C. (1997). O materialismo histórico-dialético e a educação. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 1(1), 117-122.
<https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD>.
- Santos, T. A. dos, Santos, H. S., Mascarenhas, N. B., & Melo, C. M. M. (2018). O materialismo dialético e a análise dos dados quantitativos. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 27(4).
<https://www.scielo.br/j/tce/a/kzn9595WBk7gRNbTS4fK3xs/?format=pdf>.
- Saviani, D. (1991). *Educação: Do senso comum à consciência filosófica* (19ª ed.). Autores Associados.
- Severino, A. J. (2007). A pesquisa na pós-graduação em educação. *Revista Eletrônica de Educação*, 1(1), 31-49.
<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4/4>.
- Silva, M. F., & Quintella, S. S. M. (2014). A categoria da totalidade concreta: o epistemológico e o ontológico na definição de um objeto de investigação científica. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 1(1), 245-256.
<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074624.pdf>.
- Tozoni-Reis, M. F. de C. (2020). O método materialista histórico e dialético para a pesquisa em Educação. *Revista Simbio-Logias*, 12(17), 67-84.
https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/o_metodo_materialista_historico_e_dialetico.pdf.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.